



Igor Vaz conduzindo uma cirurgia de reparação de fistula obstétrica no HCM

CIRURGIAS DE FÍSTULAS OBSTÉTRICAS Especialistas analisam casos complexos no HCM

CIRURGIÕES e especialistas em fístulas obstétricas participam a partir de hoje num curso internacional de reparação desta patologia a ter lugar no Hospital Central de Maputo (HCM), na capital do país.

Durante os trabalhos, que se prolongarão até sexta-feira, os especialistas provenientes de diversas partes do mundo irão analisar e reparar fístulas obstétricas de casos considerados complexos ou incuráveis. O momento servirá também para a troca de experiências de procedimentos que levam ao sucesso na cirurgia de casos complicados.

"Vamos discutir sobre esses casos e analisar quando é que nós consideramos incuráveis, por que consideramos incuráveis e o que fazer com essas mulheres quando nós consideramos que o caso é incurável", explicou o urologista Igor Vaz, um dos especialistas nacionais em cirurgias de reparação de fístulas obstétricas.

O sucesso na reparação de

fístulas obstétricas pode ser de até 90 por cento. O nosso país é exemplo disso, sendo o HCM o único com especialistas que fazem a reconstituição completa do canal genital ao nível do Continente Africano.

"O nosso hospital é, provavelmente, o único que opera mulheres com destruição completa da vagina. Nós criamos uma nova vagina com o intestino", observou Igor Vaz.

Geralmente, as pacientes que chegam à unidade sanitária com fístula obstétrica são consideradas sobreviventes da mortalidade materna, uma vez que a patologia, uma comunicação anormal entre a vagina e a bexiga e/ou recto, resulta, normalmente, da morte de tecidos por compressão da cabeça do feto numa circunstância de trabalho de parto arrastado. A enfermidade pode ainda resultar da violação sexual, complicações traumáticas e cirúrgicas como as do aborto ou de cesariana. Como consequência, a mulher perde a

urina ou fezes, por via vaginal, constantemente e sem controlo.

Em Moçambique, não se sabe ao certo quantas mulheres estão nestas condições. Contudo, olhando para o elevado número de partos feitos fora da unidade sanitária e gravidezes precoces, alguns factores da patologia, acredita-se que haja um número elevado de mulheres com fístula. "Não temos dados completos disso. Pensámos que devemos fazer um pouco mais de propaganda sobre o que é fístula e explicar que é uma complicação do parto e não castigo de Deus como pensam muitas pessoas. Muitas dessas mulheres não vão à unidade sanitária porque pensam que, uma vez que engravidaram sem autorização dos pais, aquilo é um castigo", lamentou Igor Vaz.

O evento poderá contar com a participação do representante do principal financiador do programa de Fístulas Obstétricas em Moçambique, o Fundo das Nações Unidas para a População.